

Nós ainda não matamos ninguém – Opressão e violência em *O Cão-Tinhoso*, de Honwana

Fabio Salem Daie¹

RESUMO: O presente artigo visa analisar as representações da opressão e da violência no universo colonial português, construído por Luís Bernardo Honwana em seu conto “Nós Matamos o Cão-Tinhoso”. Para isso, são investigadas principalmente as relações de poder entre as personagens Ginho, Isaura, Quim e Cão-Tinhoso.

ABSTRACT: The present article aims to analyse oppression and violence representations in the portuguese colonial universe. These representations are built by Luís Bernardo Honwana in his tale “We Killed Mangy-Dog”. Therefore, the focus of the following investigation will be the power relations between the characters of Ginho, Isaura, Quim and Mangy-Dog.

PALAVRAS-CHAVE: Luís Bernardo Honwana; Cão-Tinhoso; opressão; colonialismo português.

KEYWORDS: Luís Bernardo Honwana; Mangy-Dog; oppression; portuguese colonialism

Publicado em 1964, *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*², de Luís Bernardo Honwana, é um livro de contos cujas histórias refletem, sobretudo, as diversas formas de opressão vividas pelos moçambicanos sob o regime colonial português. Seu primeiro conto – que dá nome ao livro – tem lugar, em princípio, no universo escolar. As personagens, meninos às voltas com uma teia social bem demarcada de relações de poder – tanto mais demarcada quanto menor é o universo colonial – deixam transparecer em suas ações o peso de um cotidiano só aparentemente desprovido de violência.

No fundo, o que transpassa suas atitudes é a totalidade das relações construídas pelo imperialismo. Neste reflexo indireto, onde o todo se ergue de suas partes fragmentárias (e mantidas isoladas a todo custo pelo colonizador), Luís Bernardo Honwana se vale do irrisório, do cotidiano, única linguagem talvez acessível para exprimir essa realidade. Trata, então, de crianças e animais, buscando no pó a verdade

¹ Doutorando no programa Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa, atualmente realizada pesquisa “Convulsões Periféricas: representações da revolução social em América Latina e África no século XX”.

² Dicionário Houaiss da Língua:

Tinhoso: DERM. Que ou o que apresenta tinha. 2. Fig. Que provoca repugnância; nojento. 3 que demonstra teimosia, insistência, obstinação; pertinaz. 4 o diabo.

Tinha: DERM. infecção da pele e seus anexos por fungos de diversos gêneros. 2 mácula, defeito; vício.

da condição humana. Visto que fala do ínfimo para chegar ao colosso da dominação, acreditamos que, se queremos dirimir a engenhosidade de sua narrativa, a prevalência reside na personagem-título. Para conhecê-la, vale a pena observar como o autor descreve sua existência física:

O Cão-Tinhoso tinha uns olhos azuis que não tinham brilho nenhum, mas eram enormes e estavam sempre cheios de lágrimas, que lhe escorriam pelo focinho. (...) Andava todo a tremer, mesmo sem haver frio, fazendo balanço com a cabeça, como os bois e dando uns passos tão malucos que parecia uma carroça velha [p. 5]. (...) O Cão-Tinhoso tinha a pele velha, cheia de pêlos brancos, cicatrizes e muitas feridas. Ninguém gostava dele porque era um cão feio. Tinha sempre muitas moscas a comer-lhe as crostas das feridas e quando andava, as moscas iam com ele, a voar em volta. Ninguém gostava de lhe passar a mão nas costas como aos outros cães. (1980, p. 6-7)

Existe, sem dúvida, a tentação de relacionar a figura do Cão-Tinhoso, de olhos azuis e aspecto deprimente, com o colonialismo português. Esse antepassado dos colonialistas modernos, o império português que desde o século dezenove – quando a disputa por territórios se acirrou entre as grandes potências europeias – mostrava dificuldades para tocar adiante a aventura ultramarina, iniciada quatro séculos antes. Há mesmo uma passagem interessante do conto na qual o Cão-Tinhoso, à vista de uma matilha entrosada, ensaia uma tentativa de aproximação:

Duma dessas vezes, o Cão Tinhoso começou a chiar com a boca fechada e avançou (...). Os outros cães ficaram um bocado a pensar no que haviam de fazer. É que o Cão-Tinhoso queria ir meter-se com eles. Depois o cão do Senhor Sousa, o Bobi, disse qualquer coisa aos outros e avançou devagar até onde estava o Cão-Tinhoso. O Cão-Tinhoso fingiu não ver e nem se mexeu quando Bobi lhe foi cheirar o rabo: olhava sempre em frente. O Bobi, depois de ficar uma data de tempo a andar em volta do Cão-Tinhoso, foi a correr e disse qualquer coisa aos outros – o Leão, o Lobo, o Mike, o Simbi, a Mimosa e o Lulu – e puseram-se todos a ladrar muito zangados (...). (p. 6)

A imagem do famoso “concerto das nações” como um grupo de cachorros cheirando os rabos uns dos outros é provocadoramente plausível pela perspectiva de um autor na periferia do capitalismo. Com efeito, a diplomacia internacional e suas tragédias podem parecer assaz mundanas se comparadas à realidade sócio-econômica de um país africano colonizado. Nessa mesma lógica, Portugal surge não somente como o mais fraco e doente dos Impérios coloniais, senão como aquele que, investigado bem de perto – “Bobi lhe foi cheirar o rabo” – revela-se simplesmente como um grande

impostor, cujo acesso ao fórum de iguais está vedado. Não esqueçamos também o detalhe importante de que todos os demais cães possuem um nome (Leão, Lobo, Simbi), restando o Cão-Tinhoso como “um qualquer”, privado de individualidade e, portanto, dignidade.

Essa mesma analogia torna-se ainda mais sedutora quando constatamos que o destino do Cão-Tinhoso está ligado a uma morte violenta: justificado pelas próprias crianças alçadas em armas. Estaria aí, afinal, uma sugestiva metáfora do processo revolucionário nascente em Moçambique, cujos ecos também chegavam de outras colônias portuguesas? Apontava Honwana para a necessidade de pôr um fim, pela revolta, no já decrépito e claudicante sistema de exploração lusitano?

Talvez não seja possível negar por completo tal hipótese, mas certamente é preciso relativizá-la. Isso porque a beleza e a riqueza do conto residem justamente no papel ambivalente que a figura do Cão-Tinhoso acumula. Vale lembrar que, embora Portugal estivesse longe de ser o *primus inter pares* do colonialismo moderno – sendo, antes, seu “primo pobre” –, em África jamais deixou de demonstrar seu poder repressor pelo uso quase exclusivo da violência. Tão forte era esse aspecto que levou Perry Anderson, em 1966, a caracterizar o sistema exploratório português como “ultracolonialismo”, e o exército português como “a maior máquina de guerra no continente”³.

Ora, essa força interna com a qual o pequenino Portugal dominou territórios imensos não é a mesma que Honwana deixa entrever em seu Cão-Tinhoso, mulambento e torpe. Ao contrário, seu aspecto frágil, debilitado, degenerado mesmo é – como vimos na descrição acima – essencial para entender como todos se relacionavam com ele. “Ninguém gostava dele porque era um cão feio” (p. 6-7). Há também outro fator que extrapola a analogia Cão-Tinhoso–Portugal. Percebe-se que a figura do cão, no contexto do conto, cumpre um papel central de denúncia da crueldade e da arbitrariedade dos outros personagens, independentemente de serem brancos ou negros. De certa forma, Cão-Tinhoso atua como um estímulo para desvendar o caráter de seus conterrâneos.

1. Na escola

³ ANDERSON, Perry. *Portugal e o Fim do Ultracolonialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Tal ideia se torna patente quando lemos que “a Isaura era a única que gostava do Cão-Tinhoso e passava o tempo todo com ele, a dar-lhe o lanche dela para ele comer e a fazer-lhe festinhas, mas a Isaura era maluquinha, todos sabiam disso” (p. 8). A figura de uma criança com problemas mentais que se mostra, na sua demência, reveladora da irracionalidade de todas as outras tidas como sãs – o que coloca em jogo a patologia e a norma – é tema pungente da literatura moderna. Poderíamos citar, apenas como exemplo, Benjamin Compson (Benjy), o garotinho que é motivo de vergonha e dor para sua família em *The Sound and the Fury* (1929), do norte-americano William Faulkner; e “la opa” (“a louca”), menina que era a razão das brigas e das perversões morais e sexuais dos alunos de um internato católico na cidade de Abancay, pintada magistralmente pelo peruano José Maria Arguedas, em *Los Ríos Profundos* (1958).

No texto de Honwana, Isaura corporifica uma dupla perversão. Ela é, primeiro, o traço da decadência, hera danosa que emerge (cedo ou tarde) para corromper a integridade do indivíduo. Corrompida desde o primeiro momento, a floração da infância não pode senão produzir frutos débeis e tortos. Nesse sentido, Isaura é também a natimorta, mais afeita, portanto, à identificação com o cão moribundo. Tal identificação é sua segunda perversão. Quando a loucura estende a mão à fraqueza e à enfermidade, aponta o dedo para a sociedade que vige pela lei do mais forte.

O rechaço ao “cão feio” é, na escola, o mesmo rechaço que as meninas dedicarão a essa personagem alienada que, segundo as palavras do narrador, “não tinha tudo lá dentro da cabecinha” [p. 8].

A Senhora Professora zangava-se e fazia uma bronca dos diabos. Por isso, no intervalo, as outras meninas faziam uma roda com a Isaura no meio e punham-se a dançar e a cantar: ‘Isaura-Cão-Tinhoso, Cão-Tinhoso, Cão-Tinhoso, Tinhoso, Isaura-Cão-Tinhoso, Cão-Tinhoso, Cão-Tinhoso, Tinhoso’. A Isaura parecia que não ouvia e ficava com aquela cara de parva, a olhar para todos os lados à procura de não sei quê, como dizia a Senhora Professora. (p. 8)

No momento do intervalo da aula, Ginho – narrador da história – senta na escadaria do pátio. Aos poucos, Isaura se aproxima, perguntando “Viste meu cão?”. A questão, num primeiro momento, permanece no ar, conforme a menina dirige a palavra ao menino sem, no entanto, mirar-lhe os olhos: “Perguntou-me como se estivesse a falar com outra pessoa que eu não via” [p. 9]. As cenas subsequentes só vêm reforçar o rechaço geral pela condição da menina e do cão. Este surge no portão da escola,

caminha até Isaura, que abraça-o (costumava alimentá-lo com um pedaço do lanche). Dessa vez, cabe à autoridade – a Senhora Professora – demarcar os interditos: “– Ó menina, que pouca vergonha é essa? Vá já lavar as mãos!”. Em seguida, virando-se para o Cão-Tinhoso, grita: “Suca daqui!”⁴ [p. 9-10].

Chama a atenção que o interdito imposto pela Senhora Professora carregue um conteúdo moral (“que pouca vergonha é essa?”), como se o abraço de Isaura remetesse a algo incestuoso. O incesto possível é aquele entre “dois irmãos-pobres-diabos” – “diabo” é, no mais, uma das acepções para “tinhoso” – que se confraternizam como seres excluídos e torpes, mental e fisicamente. Há possivelmente outra acepção, quiçá ainda mais perturbadora. Nessa, o elo mais fraco da cadeia ganha foros vexaminosos, recordando aos outros a infâmia que os aguarda, ou verdades que prefeririam ignorar. Isaura, abraçada ao cão, tão contígua à qualidade animalesca, relembra à professora quão suscetível à degeneração e à inumanidade está ela mesma e aqueles de sua espécie.

A violência do interdito arbitrário transpassará a menina como uma força sólida. Mesmo calada, obediente à professora, Honwana deixa ver, pela linguagem utilizada, como a tristeza e a raiva crescem no espírito de Isaura, sem que esta possa contê-las. Em silêncio, seus olhos começam a encher-se de lágrimas, até que essas lhe vão “rebentar” (como um tiro, como uma bomba) rosto abaixo, “a fazer dois riscos grossos” [p. 10]. Dois riscos grossos tais quais aqueles que cruzavam o focinho sempre molhado do Cão-Tinhoso, poderíamos acrescentar. A respeito dessa indignação, o autor diz:

Penso que é um texto que tem manifesta essa dimensão da raiva; é um texto juvenil; (...) Havia a consciência da subjugação. E talvez tivesse havido a ideia de um aproveitamento consciente de situações de subjugação como forma de denunciar esta submissão e de a tornar evidente e chocante, (LABAN, 1998, p. 657)

Adiante, Isaura queixa-se a Ginho que todos são maus com o Cão-Tinhoso. Faltaria completar: todos são maus para o Cão-Tinhoso tal como o são para ela mesma. O efeito de crueldade neste lapso de Isaura explora a ignorância do ser humano sobre sua própria condição, o que, por sua vez, nivela-a novamente com o animal. Poder-se-ia dizer: todos são maus com o cão tal como o são com todos os mais fracos, doentes, desajustados. Não apenas maus, senão maus *da mesma maneira* que os colonos portugueses são com os colonizados. É a opressão realizada por aqueles que são, eles mesmos, oprimidos. A reprodução do *modus operandi* dos prestigiados pelos

⁴ “Sai daqui!”

desprestigiados. Isaura, reclamante em nome da humanidade de Cão-Tinhoso, vira assim reclamante em nome da humanidade de todos, inclusive dos desprovidos da consciência de sua própria opressão: grupo do qual emerge como expressão paroxística. A mais discriminada entre nós é nossa representante; aquela, desprovida de linguagem, ergue-se ao púlpito; a desarrazoada toma o partido da razão. O toque de universalidade de Honwana surge aqui no tema da inversão surpreendente de papéis: quando o cágado depõe a lebre, quando David supera Golias, quando o mendigo chegado a Ítaca revela-se rei.

2. No clube

Interessa observar que a mesma condição de opressor-oprimido mudará conforme a relação social inserida na estrutura de poder da colônia, definida por critérios sociais, nacionais, raciais e de gênero. Assim, a hora e a vez do Cão-Tinhoso chegam um pouco mais adiante, na varanda do clube colonial, onde o Administrador, o Chefe dos Correios, o veterinário e outros jogam cartas. É o período da tarde, e o menino Ginho, saído da escola, está sentado na varanda ao lado do cão. Dali, assiste à partida de futebol que se desenrola no campo, ao longe. Entregue à sorte das cartas, o Administrador vê-se derrotado pelo veterinário seguidas vezes. Alvo da zombaria alheia, busca defender-se:

Mas qual a piada, porra? Com os trunfos todos na mão quem é que não fazia o que vocês fizeram? (...) Depois olhou para mim e zangou-se. Ele sabia que eu sabia que ele estava a perder. Olhou para mim e para o Cão-Tinhoso sem saber com qual de nós os dois havia de correr primeiro. Enquanto pensava para resolver isso cuspiu para nós os dois, isto é, para um sítio entre nós os dois. Está-se mesmo a ver que o cuspo tanto era para mim como para o Cão-Tinhoso. (p.12)

Aparece nesse ponto a primeira aproximação entre o narrador e o Cão-Tinhoso, dessa vez às vistas de uma autoridade de maior monta do que uma professorinha de escola. A nova perspectiva – a de um alto funcionário branco da colônia – funda uma nova relação de opressão: Ginho deixa sua posição potencial entre opressores (frente à Isaura) e coloca-se ao lado do cão como oprimido. Tal aproximação se consolida quando, junto a um tipo mais velho, o menino escuta a mesma ordem dada ao cão pela professora: “(...) Suca daqui antes que eu te rebente o focinho!” [p.13].

“Suca daqui!”. Dessa vez, o ultimato veio de um colega mais velho, agarrado pelo garoto durante a partida de futebol. O motivo: Ginho tinha ouvido o Administrador decretar a morte do Cão-Tinhoso. Acontecera lá na varanda, momentos antes. Na trilha das crueldades e violências mundanas do universo colonial, Honwana descreve o ensejo dessa pena de morte:

O Doutor da Veterinária ainda se estava a rir por lhe ter dado a limpa-quatro-bolas e ele [o Administrador] acabou com aquilo de uma vez: – Ouve lá, o que é que este cão está a fazer ainda vivo? Está tão podre que é um nojo, caramba! Bolas para isto! Ai que eu tenho de me meter em todos os lados para pôr muita coisa em ordem... (p. 12)

A força da passagem encontra-se na banalidade do ato. O mal atroz – a extinção de um ser vivo – rebaixa-se à condição de fato cotidiano. Seu mestre, o Administrador, dispõe do poder sobre a vida do animal como um burocrata dispõe de acesso aos relatórios da colônia. “Ai que tenho de me meter em todos os lados para pôr muita coisa em ordem...”. Reforça-se a ideia de que o Cão-Tinhoso – o furúnculo, a doença, o diabo – é aquele que persiste vivo, resiste tenazmente ao acerto de contas com sua própria condição. “Já deveria estar morto”, dá-se a entender. Por esse trecho, o fim do conto se transforma na mera atualização do mundo e seus elementos. O Cão-Tinhoso aparece símbolo, aqui, da desordem infensa ao mundo colonial, imperial e (não esqueçamos) positivista. A sua própria morte – como quer essa lógica – vem a isto: é o “efeito” de uma “causa” já presente.

Na mesma trilha, é preciso fazer justiça à banalidade desse mal, sem atribuir a ele uma razão exógena. Seu motor é, à primeira vista, um motivo funcional: é necessário que o cão morra por razões sanitárias (“Está tão podre que é um nojo, caramba!”). Erramos, porém, se pensamos que essas são palavras do Administrador. Aqui, o Império é o ventríloquo, falando através de uma de suas muitas cabeças. A ordem, a higiene, a disciplina, a hierarquia e a lógica vulgar são atributos do positivismo constitutivo da dominação colonial, apoiada igualmente no racismo. A partir desses termos, portanto, a condenação à morte de um cão moribundo não ganha relevância especial alguma. O Administrador age conforme suas atribuições, como de resto qualquer outro alhures em território colonial. O toque de crueldade está, sim, noutro motivo mais mesquinho, menor (de uma invisibilidade que beira o sombrio), do tamanho de um burocrata localizado nas franjas de uma metrópole tacanha: simplesmente, ele perdia no jogo de cartas.

Era, por assim dizer, um mau dia. E, se a condenação do Cão-Tinhoso não é exógena ao Administrador, não deixa de ser novamente arbitrária. Fosse uma tarde de sorte, tivesse o homem uma boa mão, e o cão talvez se furtasse à morte. O terror inicial – presente na figura da Isaura, corrompida desde a gênese, sem qualquer razão aparente – ressurgiu aqui em sinal inverso: morre-se, ou manda-se morrer, num ato tampouco provido de sentido.

3. Na estrada do Matadouro

Olhou para todos nós com os olhos azuis, sem saber que nós queríamos matá-lo e veio encostar-se às minhas pernas.
(...) O Quim queria combinar as coisas. – Bem, malta, o cão não sai daqui e a gente vai cada um para a sua casa buscar as armas e depois levamo-lo para a mata atrás do matadouro e damos cabo dele, óquêi?
(p. 18)

Esse é o encaminhamento do pedido que o Duarte da Veterinária, funcionário do doutor veterinário, fez às crianças. O motivo pelo qual ele mesmo não pôde cumprir a tarefa encomendada é que tinha visitas em casa. Outra vez, a violência mescla-se aos traços mais comezinhos da existência. Mesmo a escolha do local – a estrada do Matadouro – sugere que o acontecimento extraordinário (a eliminação do cão por requisição das altas autoridades da colônia) tem algo a ver com outra matança: sistêmica, vulgar.

Um pouco antes da chegada à estrada do Matadouro, no entanto, quando a morte já está presente no pensamento dos garotos (inclusive Ginho), é curioso notar como a narrativa se atém paulatinamente à dimensão física, concreta mesmo, dos elementos. “Quando cheguei à escola, apalpei o bolso da camisa para sentir as balas a esfregarem-se umas nas outras” [p. 19]. Na sequência, Ginho diz:

(...) Eu só queria era olhar para o Cão-Tinhoso, a chiar, que se danava e mais aquele barulho de ossos lá dentro. (...) Andava todo esticado para a frente, com as pernas a fazer músculos com o esforço de fugir da corda que lhe apertava o pescoço. (p. 20-21).

Vê-se que a descrição, antes puramente externa, ganha os corpos, adentra a pele, jogando as balas que Ginho traz nos bolsos contra ossos e músculos, agora visíveis.

Na estrada do Matadouro, a sequência de crueldades só faz aumentar. Agora, Quim é o manda-chuva. No círculo de doze garotos, ele é o opressor-maior da vez, fazendo valer sua vontade sobre as dos demais. Ao lado do cão, que treme junto às suas pernas, Ginho propõe que não o matem. “Quim, a gente pode não matar o cão, eu fico com ele, trato-lhe as feridas” [p. 22]. O grupo de meninos – ou o destacamento de extermínio – não dá ouvidos. A discussão, na verdade, gira em torno do tipo de munição que o manda-chuva deseja utilizar. “– Ó Quim, mete-lhe o número 4 ou outro número qualquer, o Senhor Duarte disse que nós também podíamos atirar” [p. 22]. Mas Quim discorda. Quer atirar com as maiores balas da calibre 12 que trazia consigo. Ou seja, estava em jogo o direito de todos poderem matar o cão, com muitas balas. Se Quim fizesse uso da calibre 12, o Cão-Tinhoso morreria de uma vez.

Mandam que Ginho desate a corda. Este demora, confessa que tem medo e é zombado pelos companheiros. “E riam-se, riam-se, riam-se” [p.24]. Quando cansa de rir, a malta se impacienta. “– Anda lá com isso, caramba” [p. 25]. A narrativa ganha contornos infernais, suas personagens como demônios numa iniciação coletiva: trucidar um cão velho. Ginho se ajoelha e, acariciando o pescoço do cão, pede-lhe perdão. “Eu tenho medo, desculpa-me Cão-Tinhoso” [p. 25]. O garoto suplica novamente que não matem o animal e, novamente, não depara concessão. Ao contrário – perversão das perversões – seu pedido é atendido de outra maneira: Ginho é designado pelos companheiros para desfechar o primeiro tiro.

Nessa altura do conto, há algo mais em jogo do que a maldade. Que o rol das violências virtuais e consumadas cresça à medida que Honwana descreve o cenário colonial é somente um lado da história. O outro (recaindo sem cessar em tons mais sombrios) sugere que a infância não é apenas o *locus* da sordidez natural (Isaura), mas também o *locus* da sordidez pensada, planejada e partilhada por todos os guris que se divertem, agora, com desenfadamentos tenebrosos. É o viço da vida, afinal, que está todo ele comprometido. As façanhas deste grupelho de crianças tornam pálidas até as ações mais impiedosas do Senhor Administrador, da Senhora Professora, sem, no entanto, desvincularem-se delas. No fundo (e isso é algo que estrutura todo o livro), Honwana coloca nas crianças e no cão as tragédias que, de outra maneira, jamais poderiam aparecer entre adultos de um Moçambique sob jugo colonial.

Dessa maneira, o autor esculpe o lado mais atroz daquele grupo. “– Medroso, me-dro-so! me-dro-so!” [p.26], gritam para Ginho. Depois de muita insistência, o menino decide-se pela própria sobrevivência. “Eu mando já um tiro no sacana do cão”

[p. 26]. Nesse momento, ao ouvido de Ginho (que aponta para o animal), Quim começa a pesar as vantagens e desvantagens de matá-lo com um balaço só. Está nisto, quando reflete:

Eu acho que o Doutor da Veterinária devia ter liquidado o sacana do cão com uma droga qualquer... Eu li numa revista que na América os cães matam-se com drogas (...). Só para mostrar ao Doutor que ele não percebe nada disto a malta devia não matar o cão (...). Ginho, não achas que devia ser assim? Não, não achas? Hein?
(...) – Sabes, pá... [Quim diz aos outros] Eu estava a dizer aqui ao Ginho uma coisa bestial! (p. 27)

Se na escola a crueldade ligava-se à inconsciência da “maluquinha” Isaura, alienada da própria condição, nesse momento a crueldade assume sentido inverso. Trata-se da máxima crueldade que só é possível a partir da máxima consciência. O inferno não havia alcançado seu ápice, afinal. Não era suficiente que Ginho, sendo o único a proteger o cão, fosse obrigado a matá-lo antes de todos os outros. Era preciso também avisá-lo, alertá-lo de que existiam outros meios para tanto. Não para capacitá-lo a viver, sem dúvida; mas para capacitá-lo a morrer com menos alarido. A civilização havia progredido nas suas técnicas de extermínio. Ginho sabia disso? Era o momento de sabê-lo. A civilização havia progredido para que aquele trabalho sujo não necessitasse ser feito quando não houvesse as pessoas certas – como eles – para cumpri-lo. Era (e nisso Quim tinha razão) “uma coisa bestial”, de qualquer modo. Ou, caso desejemos, eis mais uma variação do tema da civilização como barbárie.

Ginho é o contraponto de Quim. Este é a pulsão da morte, da destruição. Sem dúvida, o realismo dessa passagem reside nessa oposição. É porque jogam em lados opostos que Quim, feito um Mefistófeles impúbere, fala à orelha de Ginho: seria possível poupar essa vida, sabe? Há uma razão ao alcance. Não é das mais dignas, mas é uma razão. Atentemos para a razão que poderia poupar a vida do animal: desafiar o doutor veterinário. Em outras palavras: humilhá-lo por desconhecer os métodos mais avançados de extermínio. Nada se salva. Tudo é maculado por *Thanatus*.

O desenlace recai – a despeito do desenlace real do conto – em passagem anterior. Está antecipado. Isaura surge, de repente, e se agarra ao cão. Ginho é convocado para afastá-la. Com dificuldade, o menino a arrasta até um canto, abandonando (de novo) o Cão-Tinhoso à própria sorte. Quim conta: “– Ummmm... Doooooiiiiis... Iiiii.... TRÊS!” [p. 31-32]. Mas ninguém atira. Vacilam. O líder chama

então o grupo aos brios. “– Atirem, porra!” [p. 32]. Conta outra vez e, desta feita, as faíscas e o odor forte de pólvora cobrem o ar, enquanto Ginho e Isaura se agarram um ao outro, convulsionados de terror, sob os estampidos sem fim dos disparos.

A mestria da construção narrativa – fundada na consecução do destino do Cão-Tinhoso traçado pelas autoridades – revela-se neste final. Honwana decide narrar os pensamentos do pequeno Ginho enquanto Quim comanda a contagem para atirar. É como se o tempo do conto (às ombreadas com o legado moderno) se detivesse por um instante, avançasse mais devagar. Os segundos se estendem; o cão gane e treme sob a pontaria de uma dezena de rifles; e, nessa lassidão súbita do ritmo que até ali avançara sem tardar, temos acesso aos pensamentos de Ginho:

O Cão-Tinhoso devia estar à espera de qualquer coisa diferente do que os outros cães costumam ter, sempre com os olhos azuis a olhar, mas tão grandes que parecia uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer. E mesmo quando olhava para os outros cães, para as árvores, para os carros a passar, para as galinhas do Senhor Professor a debicar no chão por entre as patas dele, para os miúdos da primeira classe a jogar berlindes ou outra coisa qualquer, para o Senhor Administrador e para os outros a jogar à sueca na varanda do Clube aos sábados à tarde, para o Quim a contar coisas na loja do Sá, para a Isaura a dar-lhe o lanche e a falar com ele, sempre quando olhava, estava a pedir qualquer coisa, que eu não entendia mas que não devia ser só para lhe tratarem as feridas, para lhe darem de comer ou para lhe fazerem uma casinha. (p. 31)

Mistério, aquilo que pedia o cão. O sentido desse excerto denso, movido a um fôlego só, não é simples de decifrar. Acreditamos, no entanto, que ele tem a ver com a longa descrição que o autor faz das visões do Cão-Tinhoso. Não porque sejam visões excepcionais, mas ao contrário. É justamente a ordinariedade delas – sua sequência já conhecida, dada a conhecer ao longo da história – que chama a atenção.

Como um anti-Coronel Aureliano Buendía (que em *Cien Años de Soledad* relembra, diante do pelotão de fuzilamento, o dia inesquecível em que seu pai o levou para conhecer o gelo), o Cão-Tinhoso (ou Ginho, já os dois são um só) pode apenas recobrar a regularidade sem fim daqueles dias banais. A ausência de heroicidade ou de qualquer sentido épico sugere, no desenlace, que a morte não possui redenção nenhuma. Sugere também que a frustração foi maior do que supomos: não somente o cuidado e a dedicação não foram suficientes, mas tampouco se resumiam ao que ele *gostaria*. Seria necessário ter atendido aos reclamos mínimos da existência, primeiro, antes que se pudesse dar conta de algo mais. Porém, esse universo de barbaridades, passado meio

século vinte (e o sistema português em especial), arrasta-se sem já fornecer um pilar sequer onde se possa apoiar. Nada tem a oferecer.

Há algo de viscoso e pegajoso, ao mesmo tempo que empoeirado na breve lembrança diante desse pelotão de fuzilamento, feito de meninos acovardados na estrada do Matadouro. O que ressurgiu brilhante ao Coronel Buendía, fatigado de tantas guerras, aparece opaco para essas personagens assoladas pela violência ordinária (porque cotidiana) do colonialismo. O jogo de baralho, os recreios da escola, o bate-papo à toa na loja do Sá são quase nada e são também insuportáveis. É a vida que impede que a vida aconteça, e que os verdadeiros destinos se realizem. A sucessão de imagens, depostas em sequência direta, relembra um universo fraturado, em que as partes se justapõem umas às outras, mas sem articulação de sentido possível. A consequência disso tudo é um paradoxo: numa sociedade rigidamente hierarquizada e imóvel, na qual tudo possui lugar demarcado, a violência emerge de qualquer parte, desprovida de qualquer razão.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Perry. *Portugal e o Fim do Ultracolonialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

ARGUEDAS, José María. *Los Ríos Profundos*. Madrid: Editorial Cátedra, 2004.

FAULKNER, William. *O Som e a Fúria*. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

HONWANA, Luís Bernardo. *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*. São Paulo: Editora Ática, 1980.

LABAN, Michel. *Moçambique – Encontro com Escritores (vol. II)*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998.